

**DE BOTTON, Alain. *Religião para ateus*. Trad.: Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. ISBN 978-85-805-7093-9. 272 p.**

### **A obra, seus capítulos**

De Botton é autor já conhecido do grande público, que o lê como alguém dedicado a traduzir a filosofia acadêmica para as questões cotidianas. Já tem outras obras lançadas em português, entre elas os *best-sellers*: *Como Proust pode mudar sua vida* (Rocco, 1999; Intrínseca, 2011); *As consolações da filosofia* (Rocco, 2001); *A arte de Viajar* (Rocco, 2003). E, depois de tanto girar pelos mais variados temas e atividades da vida humana, chega, finalmente, ao mais espinhoso e controverso de todos: a religião.

Para atravessá-lo, o autor, desde o início, declara distância dos colegas ateus de maior destaque na mídia: não vai enveredar na enfadonha e inútil discussão sobre a verdade ou falsidade da certeza religiosa. Nem, muito menos, para decepção de alguns missionários eclesiais, fará algum tipo de defesa desta ou daquela confissão de fé. Sua aproximação é apenas a de um aprendiz interessado em adquirir esse *know-how* tradicional para aplicá-lo às necessidades de seus contemporâneos. Uma abordagem utilitarista do patrimônio de algumas religiões mais palatáveis ao Ocidente (é sintomático que o Islã seja o grande ausente da posologia religiosa oferecida pelo autor).

Com esse propósito, o autor abre o capítulo inicial tentando convencer seu público preferencial – os ateus do título – de que a milenar *sabedoria* das religiões é bem-vinda, desde que expurgada de suas doutrinas (p. 11-18). No afã de cuidar de todos os nossos passos, as religiões se esmeraram em atrair nossa atenção insinuando-se em todas as brechas: na educação, na moda, na política, no lazer, em casa ou durante as viagens, na arte e no trabalho. Não há movimento literário ou político na história que lhes faça sombra.

Os capítulos seguintes ilustrarão sua tese. Assim, ele propõe que o *senso comunitário* das religiões (p. 21-56) é remédio contra a solidão, localiza nas refeições um momento privilegiado de partilha de vida e oferece um presente caro a qualquer ser humano: o poder perdoar e ser perdoado. No capítulo sobre a *gentileza* (p. 59-82), De Botton observa que as religiões sabem que a existência de uma plateia ajuda a sustentar a bondade e, por isso, investem em testemunhas e cerimônias públicas que combinam a vigilância humana com a divina. E ousa dizer a seu leitor secularizado (para quem o espaço público deve ser mantido neutro) que pode ser tranquilizador viver como se alguém estivesse o tempo todo de olho em nós. Tudo, enfim, se resolve em estratégias de *educação* (p. 85-134), cujo propósito deveria ser sempre “criar *seres humanos* capazes e cultos” e não simplesmente produzir advogados, médicos ou engenheiros competentes. Para o autor, a esperança de

que a cultura fosse tão efetiva quanto a religião para guiar, humanizar e consolar acabou sendo frustrada pelos fatos. No mundo secular é impossível responder às questões mais profundas da alma, embora – como diria Wittgenstein – são essas as questões que importam.

O que o autor admira nas religiões é que estas foram radicais o bastante para tirar a educação das salas de aula, combinando-a com outras atividades que envolvem todos os sentidos e envolvem práticas cotidianas como comer, beber, banhar-se, caminhar e cantar. Daí sua sensibilidade para com a nossa carência de *ternura* – a qual, diz o autor, é vista pelo ateísmo com impaciência (p. 137-147) – e seu atinado *pessimismo*, que adivinha sermos todos criaturas inerentemente defeituosas (p. 151-161).

No capítulo sobre a *perspectiva*, dois pensadores judeus ganham destaque: o autor do livro de Jó e Baruch de Espinosa (p. 165-172). Ambos nos deixam “um pouco mais preparados para [nos] curvar às tragédias incompreensíveis e moralmente obscuras que a vida cotidiana envolve” (p. 167) ao nos ensinar a tudo ver “*sub specie aeternitatis*” (p. 168). Em vez de “nos convidar a pensar no presente momento como o ápice da história”, a religião é, segundo De Botton, “um símbolo daquilo que nos ultrapassa e uma educação sobre as vantagens de reconhecer nossa insignificância” (ib.). Para tanto, ela nos provê de “suvenires do transcendente”, que tanto podem ser dados pelas *artes* – que trazem implícitas muitas de nossas crenças (p. 175-206) – como, por exemplo, pela *arquitetura* (p. 209-230).

Citando o impacto gerado no interior das catedrais, De Botton reconhece quão doloroso é se sentir pequeno na lida cotidiana; mas afirma ser sábio e até um pouco prazeroso “ser levado a se sentir pequeno por algo poderoso, nobre, consumado e inteligente” que – como certas igrejas – pode “nos induzir a abdicar do egoísmo sem impor qualquer humilhação” (p. 219). Aprendendo de quem tem *know-how* milenar seria possível, pois, viabilizar uma religião que convidasse a viver segundo os ensinamentos da literatura e da arte, como fazem os fiéis segundo as doutrinas de fé. “Possivelmente, há tanta sabedoria a ser encontrada [nos contos] de Anton Čechov quanto nos evangelhos, mas as coletâneas do primeiro não vêm acompanhadas de calendários que recordem os leitores de repassar periodicamente seu conteúdo”.<sup>1</sup>

O capítulo final constata a debilidade dos ataques desferidos à religião no final do século XVIII por cétricos e ateus. Eles o fizeram por meio de livros, enquanto esta atua empregando *instituições* (p. 233-261). O que as entidades seculares precisam aprender, estudando as organizações religiosas, é como “atender às necessidades

<sup>1</sup> Cito a p. 114, mas precisei retocar a tradução brasileira, algo confusa neste excerto.

do *self* interior com toda a força e a habilidade que as empresas hoje empregam para satisfazer as necessidades do *self* exterior” (p. 235).

De Botton encerra seu *manual-para-um-atheísmo-bem-sucedido-espiritualmente* afirmando que “a sabedoria das fés pertence à humanidade toda [...] e merece ser reabsorvida de forma seletiva pelos maiores inimigos do sobrenatural”, afinal, “as religiões são intermitentemente úteis, eficazes e inteligentes demais para ser deixadas somente para os religiosos” (p. 261).

## A repercussão internacional

### *Itália*

Título e subtítulo italianos da obra aqui resenhada são sugestivos do tipo de recepção obtida naquele país: *Del buon uso della religione: guida per non credenti*. Para Valeria Gandus,<sup>2</sup> se o tomarmos pelo que é, ou seja um agudo e divertido exercício de estilo, este ensaio de *Alain De Botton* não decepciona. Em palestra no *Festival de literatura de Mantova*, ele insistiu que os ateus fariam melhor se deixassem de confutar a existência de Deus e estudassem mais como e porque as religiões são há milênios um enorme sucesso. Ele quer copiar esses expedientes, readaptando-os, para propagandear *o culto da cultura*. Para Gandus, trata-se de um “furto legalizado”, similar ao que fizeram os primeiros cristãos com muitos cultos precedentes.

Sara Schifano<sup>3</sup> destaca a coerência do livro com as ideias “pregadas” pelo autor na *The School of Life*, que fundou em Londres, um lugar onde se dão cursos sobre como aprender a viver melhor, ou ao menos como lidar com as neuroses da vida contemporânea através da cultura e do conhecimento. Segundo ela, De Botton tem acolhida lá onde se esgarçou a convicção laicista de que temos de ser invulneráveis e de que falar de moralidade sempre depõe contra a liberdade. Por que, diz ela, não podemos venerar e tomar como exemplo modelos que consideramos dignos de estima? Por que se perdeu o sentido de comunidade? Embora algumas soluções do filósofo cheguem a ser grotescas (como, por exemplo, a sugestão de que os ateus tenham “santinhos” de Virginia Woolf ou Stendhal assim como os católicos veneram os de São Francisco), Schifano aprova sua capacidade de estimular uma reflexão fora dos padrões.

<sup>2</sup> 29/09/2011: <<http://www.ilfattoquotidiano.it/2011/09/29/una-guida-per-non-credenti-il-libro-di-de-botton-per-costruire-la-religione-dei-laici/160905/>>.

<sup>3</sup> Em <<http://www.grazia.it/Stile-di-vita/libri/La-religione-secondo-Alain-de-Botton>>.

Muito mais reticente é o parecer de Raffaele Carcano,<sup>4</sup> que começa concordando com a opinião do filósofo de que os ateus permitiram que a religião pleiteasse um domínio exclusivo sobre áreas da experiência que deveriam pertencer à humanidade inteira, e das quais é preciso se reapropriar sem nenhum constrangimento. Mas nem todos os argumentos de De Botton são palatáveis a este resenhista. Por exemplo, se é verdade que “a missa católica encoraja os fiéis a abandonar o orgulho”, a obediência e a submissão às hierarquias eclesásticas pedidas pelo *Catecismo* católico podem levar junto também as ambições e esperanças “sadias” e “razoáveis”. Enquanto De Botton afirma que sua granítica certeza atenua-se quando escuta Bach, um número massivo de fãs – contesta Carcano – curte mesmo é Avril Lavigne e popstars do gênero. E só quem nunca foi católico pode achar que a missa provoque alguma intensidade emotiva nos fiéis [demos aqui um desconto ao resenhista, que certamente está falando da Itália e não conhece os padres midiáticos brasileiros].

Citando sociólogos como Robert Putnam,<sup>5</sup> Carcano também retruca a alegação dos efeitos positivos da afiliação religiosa (por exemplo, sobre o capital social), afirmando que o mesmo ocorre com tantas outras organizações menos consideradas – até mesmo em um clube de bocha. E quanto à alegada capacidade da religião de “sustentar a bondade” por meio do efeito “tranquilizador” de vivermos com a sensação de sermos vigiados o tempo todo, Carcano lembra que, além das estratégias das religiões e das multinacionais comerciais se sobreporem, como escreve o próprio De Botton, também os totalitarismos aprenderam muito bem essas “lições”. E conclui avaliando que o autor se preocupa mais em demonstrar fascinação pelo “sagrado” do que em analisar seus mecanismos.

Michele Lauro<sup>6</sup> reconhece no livro uma reflexão cheia de bom senso sobre as necessidades espirituais e os valores morais do ser humano. Mas admite que essa filosofia do nosso ensaísta-jornalista-apresentador e empreendedor cultural de sucesso às vezes beiram a banalidade. O que não impede que esse seu *pragmatismo tipicamente anglo-saxão* ajude a questionar a qualidade ética e estética da existência. Assim, numa espécie de “sincretismo moral” (herdado de Auguste Comte), De Botton convida os ateus a sujarem as mãos, tomando emprestado conceitos oriundos de diferentes confissões, tais como: ritualidade, emoção, repetição, proteção, gentileza, identidade plural, compaixão, tolerância, pertença comunitária

<sup>4</sup> UAAR, Unione degli Atei e degli Agnostici Razionalisti: <<http://www.uaar.it/ateismo/opere/alain-de-botton-del-buon-uso-della-religione>>.

<sup>5</sup> R. D. Putnam; R. Leonardi; R. Y. Nanetti. *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton University Press, 1994.

<sup>6</sup> 10/10/2011: <<http://blog.panorama.it/libri/2011/10/10/del-buon-uso-della-religione-la-guida-per-non-credenti-di-alain-de-botton/>>.

etc. Embora inócua, conclui Lauro, a utopia deste autor levanta algumas propostas até sugestivas.

### ***Inglaterra***

Tom Payne<sup>7</sup> lembra Ovídio – “É útil que haja deuses, e é por isso que acreditamos neles” – para congratular-se com De Botton. A religião existia para que juramentos significassem algo, e não nos matássemos uns aos outros. Alain de Botton retoma esse fio, argumentando que a religião oferece limites que as corporações e universidades de hoje não têm. Afinal, uma religião não é apenas uma maneira de criar mistérios veneráveis para projetá-los em outro reino (embora De Botton goste desse aspecto de adoração – que proporciona uma sensação de espanto e perspectiva que a astronomia ainda pode fornecer, quando nos assegura que, no esquema do universo, somos minúsculos). Enquanto alguém com um PhD sobre “Padrões da Metanarrativa no Íon de Eurípidés” promoveu o aprendizado para seu próprio bem, explica De Botton, um padre católico romano, por outro lado, sabe exatamente que texto será lido em qual tempo do ano, e por quê.

Mas o problema, segundo este resenhista, é aquele prescritivo “deve”, que é dito com tal otimismo que faz parecer que o esforço valerá a pena [“Entre os anúncios de jeans e computadores das ruas de nossas cidades, *deveríamos* colocar versões eletrônicas do *Muro das Lamentações...*”]. Quer dizer, então, perguntasse Payne, que devemos nos curvar a alguma disciplina maior que nossa própria vontade, para só assim podermos sentir as coisas boas que queremos sentir? Payne vê aqui um paradoxo, uma falha, pois, “o que é especialmente bom em se tratando de religião é que podemos usá-la da forma como nos convém”, arremata.

Sameer Rahim<sup>8</sup> destaca a proposta bottoniana do templo de Londres, projetado em conjunto pelo arquiteto Tom Greenall e Hodgson Jordan para ser uma enorme torre preta, colocada entre os arranha-céus da cidade. A torre será construída a partir de diferentes tipos de pedra de toda a história humana, formando uma espécie de linha do tempo geológico. Em sua base haverá uma faixa de ouro de um milímetro de espessura, significando o tempo do homem sobre a Terra em relação à idade do planeta. Enfim, um monumento à humildade com o fito de curar seu visitante do egoísmo/egocentrismo moderno. De Botton confessa ter por alvo o típico macho sessentão acadêmico de Oxford, que ataca os crentes

<sup>7</sup> GMT 27/01/2012: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/9041947/Religion-for-Atheists-by-Alain-de-Botton-review.html>>.

<sup>8</sup> GMT 30/01/2012: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/authorinterviews/9045391/Alain-de-Botton-puts-faith-in-temples-for-atheists.html>>.

e diz que a religião é ridícula. Embora seja pessoalmente muito rico,<sup>9</sup> espera tocar as obras do Templo graças a pequenas doações, o que seria a indicação-chave da sua popularidade.

Mas, embora veja aí um objetivo louvável, Rahim nota um equívoco no projeto. O que achamos bonito num templo ou arte religiosa está – inevitavelmente – ligado aos valores das pessoas que o fizeram: um protestante critica uma igreja rococó italiana ou um muçulmano acha uma sinagoga simples demais para seu gosto não por causa de um sentido estético abstrato, mas porque parecem estranhos à maneira como eles adoram. As crenças rígidas de que De Botton tenta se esquivar são exatamente o que emociona e aterroriza os visitantes de um espaço sagrado: o pensamento de que ele foi construído em nome da verdade. Se Rahim tiver razão, das duas uma: ou o projeto de De Botton será um rotundo fracasso entre os ateus ou – o que seria a suprema ironia – será acolhido como uma nova variação *new age* de religião.

Na opinião de Rowland Manthorpe<sup>10</sup> De Botton não tem nenhum escrúpulo. Ele só está fazendo o que o cristianismo fez quando resignificava celebrações pagãs do solstício de inverno como o Natal. Em sua análise, uma missa católica é apenas uma teia de técnicas para “fortalecer os laços de afeto dos congregados”, e o Dia do Perdão judaico um “mecanismo psicologicamente eficaz” para a resolução de conflitos sociais. Ao defender que a sociedade secular aprenda com a religião, espera diminuir a negligência das universidades nesse ponto, pois, segundo ele, as instituições do humanismo liberal se concentram exclusivamente em remediar a ignorância de seus alunos, quando deveriam estar aspirando a criar “pessoas melhores, mais sábias e mais felizes”. Na sua universidade ideal, *Anna Karenina* e *Madame Bovary* deveriam ser lidas em “um curso sobre a compreensão das tensões do casamento”. O tema subjacente é a consciência que as religiões têm da infantilidade humana. Enquanto o cristianismo deu-nos parábolas e horários e repetição em uma escala maciça, a educação secular supõe que garotos de 20 anos acompanhem extraordinárias e maçantes palestras. Enfim, Manthorpe vê até com bons olhos as prescrições de De Botton em um país – a Inglaterra – onde mais de 60 por cento das pessoas se veem como pertencentes a uma religião, mas apenas cinco por cento frequentam serviços religiosos.

O que mais dizer, após esse rápido giro pelos países no Norte? Sem dúvida, chama a atenção que o livro tenha sido lançado antes em países como Itália e

<sup>9</sup> Há rumores de um fundo fiduciário de £ 200.000.000, mas ele insiste que tem apenas £ 7.250.000 – ganho com venda de livros e de ensino.

<sup>10</sup> GMT 03/02/2012: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/religionbookreviews/9054164/Religion-for-Atheists-by-Alain-de-Botton-review.html>>.

Brasil (em setembro de 2011), sendo publicado nos Estados Unidos e na Inglaterra apenas no primeiro trimestre de 2012. Terá o autor algum escopo “missionário” em mente ao privilegiar nações de maioria católica? Algo a ver com a exportação do projeto do “Templo para ateus”, mencionado no livro?

Seja como for, há que reconhecer que o livro, enfim, interessará ao cientista da religião mais como representativo de um fenômeno a ser considerado do que como um ensaio teórico a ser analisado. Nem é essa a pretensão do autor, embora consiga nos entreter com uma prosa original e bem-humorada, com 95 ilustrações quase sempre eficazes para dar carne a seus argumentos.

Mas, por outro lado, do ponto de vista de uma ciência da religião aplicada – que pensa, entre outros temas, na relação entre religião e educação – o insight do livro pode ser auspicioso. No contexto da acirrada discussão contemporânea sobre o ensino religioso nas escolas públicas, a questão parece se reduzir a um embate algo maniqueísta entre laicos (paladinos da liberdade) e religiosos (que defendem o ensino religioso porque têm interesses proselitistas). Os primeiros criticam o ensino religioso público porque veem aí uma brecha para a intromissão do sentimento religioso num ambiente (a escola) que deveria ser laico. De Botton, se não ajuda a resolver o impasse, ao menos o torna mais complexo porque sugere que o conhecimento das religiões – seus conteúdos e, sobretudo, suas estratégias – pode ser de grande interesse para o bem da sociedade civil, laica, emancipada, ocidental, europeia.

Muitos críticos verão nessa proposta do autor anglo-suíço apenas uma banalização extrema. Por exemplo, sua ideia de transformar os museus no correspondente atual das igrejas e fazer das obras de arte nossos faróis morais apenas transfere o problema: quem irá estabelecer um cânon das obras? Que música oferecer para a meditação da juventude, rock do *Pink Floyd* ou pop de *Lady Gaga*? Que livros sugerir nos cursos universitários para, segundo De Botton, ajudar os estudantes a tirar dali ensinamentos morais para o cotidiano: o *Senhor dos Anéis* ou a trilogia *Crepúsculo*? Mas há algo aqui a ser considerado: alguém terá de assumir arriscadas decisões educativas e direcionamentos éticos. E, pelo que se depreende da “leviana” sugestão de nosso autor, não são apenas os pré-modernos praticantes de religiões que estão percebendo o papel delicado que jogam aí essas milenares invenções de nossos antepassados.

*Afonso Maria Ligorio Soares\**

Recebido: 15/03/2012

Aprovado: 24/04/2012

---

\* Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, <sofona@uol.com.br>.